“O PASSADO NÃO RECONHECE SEU LUGAR...”

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Memórias não se quebram

Por Gislaine Buosi

Era um presente simples: um pião de madeira, embrulhado numa folha de jornal, que anunciava aquilo que toda criança quer saber: “...Papai Noel na praça da matriz...” O pião era o brinquedo mais bonito do mundo, doía-me atirá-lo ao chão, “E se quebrar?” Resisti o quanto pude, até que o desejo de vê-lo girar me convenceu. Foi meu pai quem me ensinou a enrolar a corda com firmeza, sem deixar folgas, nem embaralhar as voltar, nem tocar a ponta do ferro. Dizia que o segredo estava na mão: “nem força demais, nem de menos”. Eu ouvia, concentrado, tentando imitar seus gestos — e, claro, o pião teimava em cair de lado, meio mole, o que era motivo de riso.

Por dias, treinei, furei o piso do terreiro, atirando o pião entre as galinhas e os pés de mamona. Por vezes, o pião escapava e batia no portão, meu pai gritava de lá da oficina, broncas, como sempre, bem camaradas.

Não demorou para que o pião girasse com altivez e cor. Parecia que o mundo cabia todo dentro daquele círculo de movimento – todo: o palito de sorvete, a partida de futebol, a missa de domingo, o passeio de trem. Manobras difíceis me desafiavam - quando o pião começava a perder o equilíbrio, eu o pegava com um golpe rápido da mão, para não deixá-lo tombar. Guardei o brinquedo, não apenas na última gaveta da cômoda – meu porta-trecos de estimação – como também na memória. E não foi só: trago também o cheiro do quintal, o estouro da pipoca, a cicatriz no pulso – de quando achei que um galho seco suportaria meu peso de moleque travesso.

O pião não quebrou – aliás, o pião, a infância, as broncas do pai, o Natal, a memória, inquebráveis, giram ao mesmo tempo.